PERSPECTIVAS

Pesos diferentes

Embora a curto prazo não se esperem grandes mudanças no mercado de açúcar, o de álcool anidro tende a crescer

LUIZCARLOSCORRÊACARVALHO

Os últimos anos, especialmente 1999, foram de baixos preços dos produtos setoriais nos mercados interno e externo, em função da existência de excedentes dos dois produtos e da desorganização do mercado brasileiro de álcool pós-liberação dos preços e da comercialização (gráficos 1,2 e 2a).

A recuperação dos preços foi função do enxugamento do mercado (formação de estoques; menor produção de álcool; aumento da demanda do álcool anidro) por ações públicas e privadas conhecidas.

Consumo interno

No mercado interno o açúcar tem crescimento anual de demanda de cerca de 1,7% ao ano; o consumo direto guarda relação com o crescimento da população, e o industrial, com a posição do PIB (tabela 1).

A distribuição do volume consumido no país é, em grandes números, 61,5% uso direto e 38,5% consumo industrial (tabela 2).

No mercado externo o crescimento gira em torno do mesmo nível, com decréscimo nos países desenvolvidos e acréscimo naqueles em desenvolvimento. De meados dos anos 80 a 1998, o consumo global cresceu 2,2% ao ano, o que é um resultado melhor que o do café (0,7%) porém menor, por exemplo, que o do óleo comestível e o do cacau (3,5% e 2,8% ao ano). O crescimento da demanda de açúcar e da frutose do milho mostra o absurdo gerado pelo protecionismo norte-americano e japonês e seu impacto no crescimento do consumo de açúcar (tabela 3).

Consumo mundial

Do consumo mundial de açúcar (10 países principais), 61% se dividem entre União Européia (12%); Índia (13%); Estados Unidos da América (7%); Brasil (7%); China (7%); Rússia (4%); México (4%); Paquistão (3%); Indonésia (3%); Japão (2%).

1.Estimativa do mercado brasileiro de adoçantes

safra 1999/2000

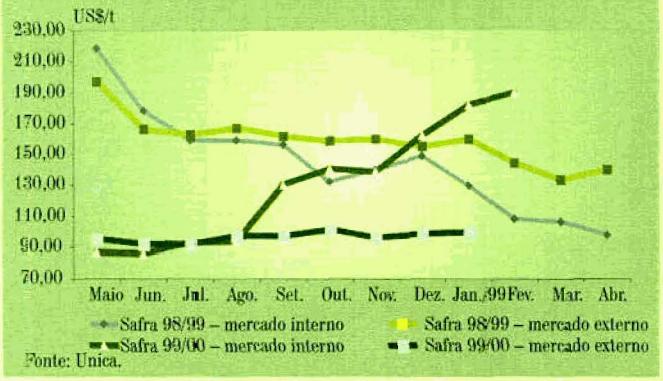
Adoçantes	Consumo anual per capita (kg)			
	Uso direto	Uso indireto	Total	Total (mil t)
Açúcar	31,1	19,5	50,6	8.300,00
Outros adoçantes (açúcar equivalente)	3,1	3	6,1	1.000,00
Soma adoçantes	34,2	22,5	56,7	9.300,00

Nota: População estimada em 164 mm hab.

2. Distribuição do consumo de açúcar no Brasil

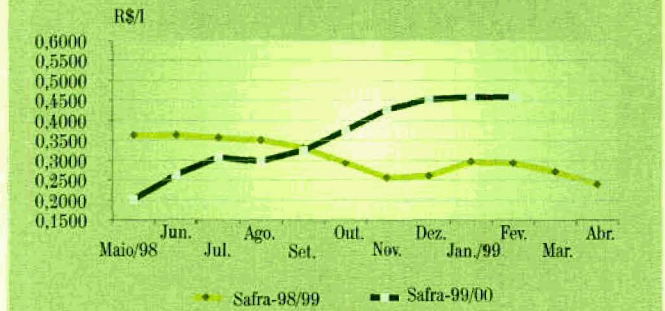
	1000 t	%
1. Uso direto (mesa)	5.100	61,45
Refinado amorfo	1.700	
Outros	3.400	
2. Industrial	3.200	38,55
Refrigerantes	1.216	
Doces/geléias/confeitos	629	
Outros (chocolates, biscoitos, sorvetes etc.)	1.355	
Total Brasil	8.300	100

1. São Paulo: preços PVU do açúcar, sem impostos



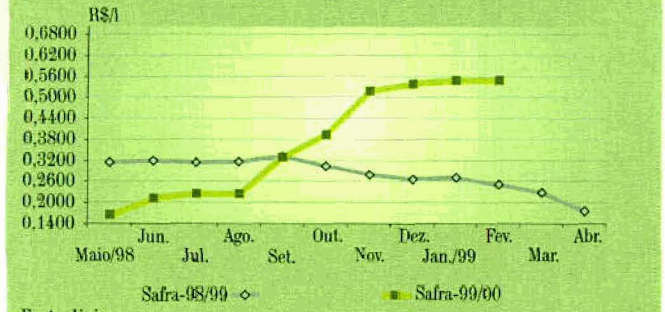
Fonte: Unica.

2. São Paulo: preço médio mensal de álcool anidro carburante



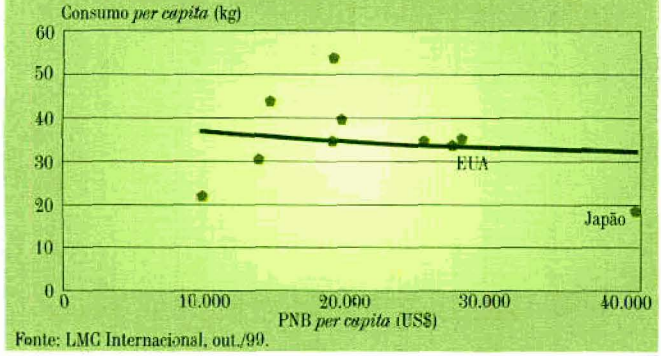
Fonte: Unica

2a. São Paulo: preço médio mensal de álcool hidratado carburante



Fonte: Unica

3. Consumo per capita de açúcar versus PIB per capita para países de alta renda



Fonte: LMC Internacional, out./99.

As análises de potencial de crescimento são complexas. Os dados mostram que países de baixa renda teriam maior elasticidade de demanda para o açúcar, conforme a teoria. No entanto, além de alguns países que contrariam a lógica, os de média renda têm resposta semelhante aos de baixa renda. Os de renda alta mostram queda de consumo (começando pelo Japão). Essas exceções pesam no consumo *per capita*, que poderia ser bem maior no caso do açúcar.

Quando incluídos os outros açúcares (frutose e adoçantes sintéticos), a resposta dos países de alta renda é positiva quanto ao consumo (gráfico 3).

Em termos gerais, não se esperam grandes mudanças no mercado de açúcar a curto prazo. A expectativa segundo a F. O. Licht é a que aparece no gráfico 5.

O MERCADO DE ÁLCOOL

No caso Brasil, a evolução da demanda de álcool tem sido afetada por diferentes políticas, específicas ou gerais, que alteram o perfil de consumo.

A lei da mistura de álcool anidro na gasolina impôs um perfil de crescimento da demanda, estabelecida conforme o crescimento da gasolina. Hoje, com 24% de álcool anidro estabelecido como referência em cada litro de gasolina A, as expectativas de demanda guardam relação com o preço da gasolina e o PIB.

Cada aumento de 10% na gasolina gera uma retração de 2% no consumo! Para o hidratado, que hoje significa consumo de baixa renda (carros a álcool), o impacto talvez seja até maior (lembrando que hoje o sucateamento já está reduzindo a demanda em 10% ao ano).

De qualquer forma, o consumo do anidro é de clara tendência de crescimento (gráfico 6).

Para o caso do hidratado (carro a álcool), vem ocorrendo a queda do consumo pelo maior sucateamento dos carros em relação ao andamento de vendas (gáficos 7 e 8).

Em termos mundiais, observa-se a procura pelo álcool anidro como oxigenado da gasolina, principalmente pelos problemas observados com o MTBE nas águas e pela questão do efeito estufa e o bom resultado do produto renovável. Dos cerca de 35 bilhões de litros de álcool produzidos no mundo, 25 bilhões são para fins carburantes (somente o Brasil, 14 bilhões, e os EUA, 6 bilhões, respondem por 72%).

VISÃO PROSPECTIVA

As políticas protecionistas dos países desenvolvidos para o açúcar geram produtos que competem com o açúcar naqueles países e estrangulam o crescimento do consumo.

Por outro lado, quando se olha para as duas nações mais populosas do mundo, verifica-se que o consumo *per capita* de açúcar cresce com força na Índia mas se mostra estagnado na China; na mesma Ásia, a Coréia do Sul mostra crescente consumo enquanto decresce o do Japão.

A Ásia respondeu nos últimos 20 anos por 60 % do crescimento mundial da produção. É portanto difícil assegurar mudanças ou prever alterações profundas nesse campo (gráfico 9).

A crise asiática, somada à da Europa Oriental, pesou muito na questão do consumo na década de 90 (gráfico 10).

Fica como está

Não há relação direta em todos os países entre o crescimento do PIB e o consumo de açúcar. Exemplos como o da Tailândia, Índia e Coréia do Sul (resposta positiva) são distintos dos da China e do Japão (sem resposta).

Outra questão relevante é a OMC e as medidas efetivas em relação à abertura do mercado mundial, esperadas na segunda fase da primeira década do novo milênio. Aí poderemos ter grandes mudanças e também grandes perspectivas para o açúcar competitivo brasileiro.

No curto prazo, espera-se a continuidade da elevada volatilidade de preços. No médio e longo prazos, com a abertura dos mercados, o açúcar deve retomar crescimento de consumo pela sua competitividade, principalmente em países como Brasil, Tailândia e Austrália.

Para o açúcar, as questões relevantes serão, pois, a abertura dos mercados e suas conseqüências e o desenvolvimento da demanda na Ásia.

A China é a grande expectativa. Afinal, com 7kg *per capita* de consumo de açúcar – 26kg *per capita* na vizinha Taiwan –, resta-nos torcer para que, de fato, "com açúcar, com afeto", a indústria açucareira seja abençoada pelo crescimento continuado do consumo naquela região.

Prospecções sobre o álcool

No Brasil, medidas foram tomadas em 1999, dando lógica à ida ao mercado de um setor onde a intervenção do governo foi absoluta por cerca de 60 anos.

A questão central da visão da demanda futura do álcool no Brasil está em volta do carro a álcool: no exterior, na aceitação do etanol como o grande aditivo da gasolina e caminhando para uma mistura com o óleo diesel. A mais largo prazo, as chamadas células de combustível, extraindo hidrogênio do etanol.

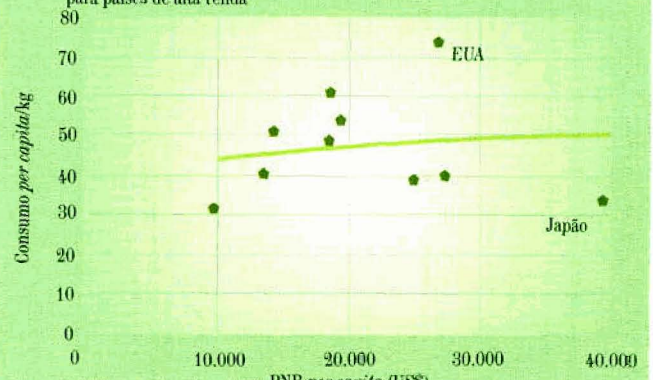
Sem dúvida alguma, a questão ambiental é o carro-chefe do processo de valorização do etanol, não só pela questão do combate ao efeito estufa mas também pelas emissões de gases. A lógica tecnológica deve acompanhar o interesse ambiental e viabilizar a alternativa renovável ao derivado do petróleo, que deve iniciar sua depleção mundial (produção ou extração menor que o consumo) na segunda fase da década a partir de 2000.

Os atuais 25 bilhões de litros consumidos de etanol deverão crescer de forma assustadora, e o Brasil e os EUA continuarão como carros-chefes de produção e consumo. Mesmo assim, países da América e da Ásia, além da Europa, estarão à espera da nova tecnologia da produção de etanol a partir da celulose (no caso da cana, a partir do bagaço e das palhas).

Álcool no Brasil

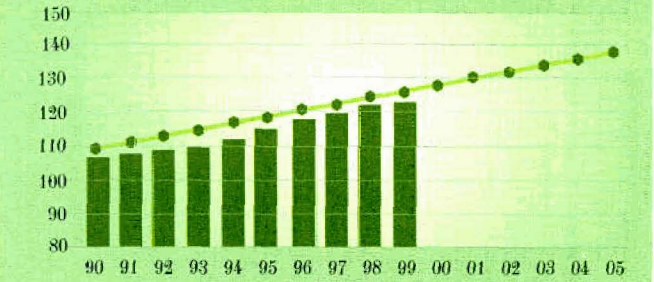
No Brasil, os condicionantes da demanda de álcool seriam:

4. Consumo per capita de açúcares
(inclui HFCS, adoçantes sintéticos e misturas de açúcar)
para países de alta renda



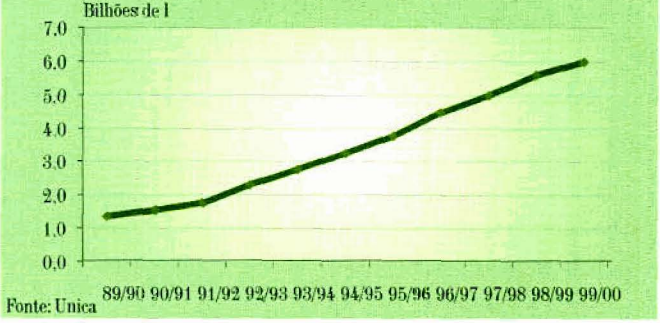
Fonte: LMC Internacional, out./99.

5. Consumo mundial de açúcar
Milhões de t, valor demerara



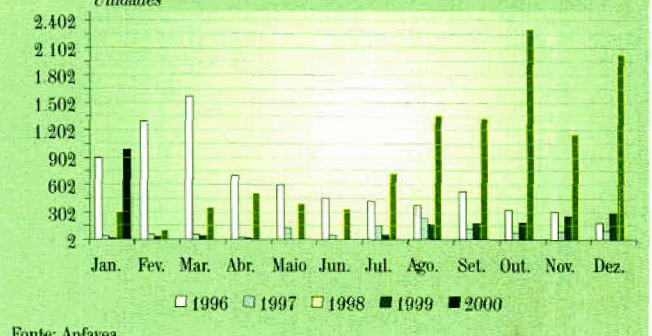
Fonte: F. O. Light, nov./99.

6. Brasil: consumo de álcool anidro
Bilhões de l



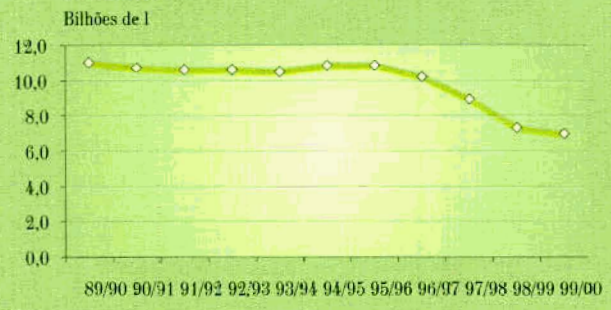
Fonte: Unica

7. Brasil: vendas mensais de carros a álcool
Unidades



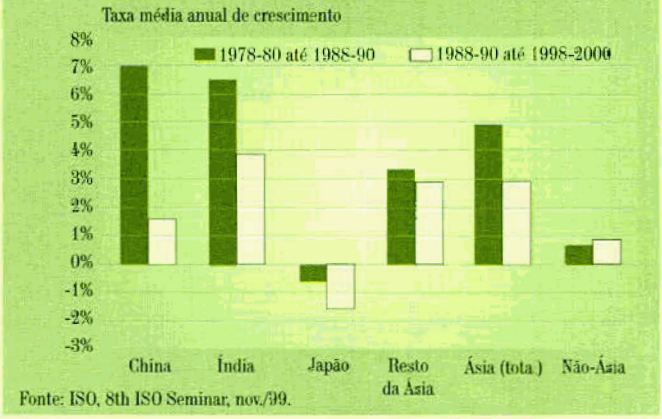
Fonte: Anfavea.

8. Brasil: consumo de álcool hidratado



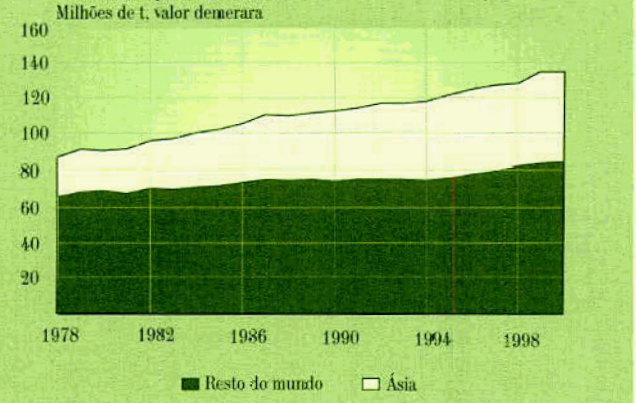
Fonte: Unica

10. Ásia e demais países: taxas de crescimento do consumo de açúcar



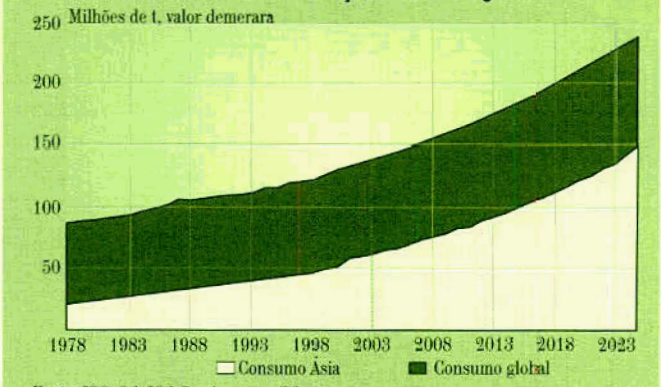
Fonte: ISO, 8th ISO Seminar, nov./99.

9. Composição regional do consumo mundial de açúcar e HFCS



Fonte: ISO, 8th ISO Seminar, nov./99.

11. Tendências de consumo de açúcar na Ásia e global



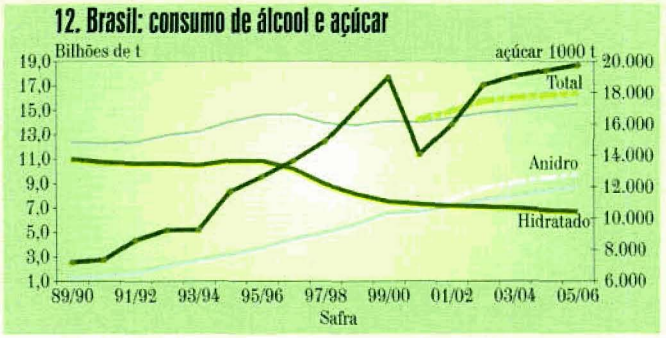
Fonte: ISO, 8th ISO Seminar, nov./99.

- a lei do *gasohol*, que faz crescer a demanda do anidro, que já deverá superar a do hidratado ainda na safra 2000/2001;
- a aprovada lei da frota verde (carros de governo; táxis), que deveria ser para valer, com carros produzidos e disponibilizados pelas montadoras; a adoção da mesma lógica para as locadoras, somada à da frota verde, significaria cerca de 100 mil veículos/ano, o que reduziria em 1/3 o sucateamento da frota a álcool;
- a adoção da política de renovação da frota brasileira, com claro apoio ao carro a álcool para não sucatear rapidamente a frota (hoje 80% tem mais do que 10 anos);
- políticas tributárias/fiscais serão fundamentais para o álcool hidratado, atendendo a três quesitos-chave:
  - ✓ política de suporte fiscal aos carros a álcool;

3. Consumo mundial de açúcar e HFCS

1. Consumo mundial (MM t)	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999[1]
Açúcar	101.66	103.63	105.31	108.97	110.27	111.07	115.78
HFCS[2]	8.56	9.07	9.39	9.92	10.63	11.01	11.24
Açúcar & HFCS	110.22	112.70	114.70	118.89	120.90	122.08	127.02
% Mercado do HFCS	7.8%	8.0%	8.2%	8.3%	8.8%	9.0%	8.9%
2. Crescimento no consumo %							
Açúcar	-0.4	1.9	1.6	3.5	1.2	0.7	4.2
HFCS	5.6	6.0	3.5	5.7	7.2	3.5	2.1
Açúcar & HFCS	0.0	2.3	1.8	3.6	1.7	1.0	4.0

[1] Estimativa
[2] Frutose de milho
Fonte: LMC International, nov.1999.



✓ redução do ICMS (ou o que venha a substituí-lo) para o álcool hidratado em relação à gasolina; o nível de sonegação hoje verificado vem afugentando as grandes distribuidoras desse mercado;

✓ na reforma tributária, substituição do atual suporte da conta PPE por transparente e seletivo imposto sobre combustíveis.

- adoção da tecnologia Bosch (carro flexível brasileiro, que anda com gasolina ou álcool hidratado, na proporção que se queira);
- alcoolquímica – novamente é alternativa para a petroquímica, pelos preços elevados do petróleo;
- álcool como *commodity* ambiental internacional e o Brasil com seu potencial competitivo.

Sendo otimista, e considerando plausíveis tais condicionantes para o álcool hidratado, teríamos o cenário do gráfico 12.

Por outro lado, tal demanda será factível desde que o mercado esteja sendo atendido, seja nos volumes, seja na relação de preços com a gasolina.

Luiz Carlos Correa Carvalho é engenheiro agrônomo, diretor da Canaplan; superintendente da Unica e dos Sindicatos do Açúcar e do Álcool do Estado de São Paulo; diretor da Abag e da Amcesp.

O PACTO COMO SAÍDA

Carpintaria da modernidade

Está mais que madura a necessidade de um novo e abrangente pacto setorial no setor automotivo para que todos saiam ganhando

MIGUEL JORGE

Estrategicamente importante para o desenvolvimento de um país, o setor automotivo é reconhecido em todo o mundo por sua capacidade de promover o desenvolvimento, aliando a condição de grande usuário de matérias-primas à capacidade de gerar empregos e criar novas tecnologias, além de ativar o comércio e os serviços.

No Brasil, para cumprir esse papel, especialmente em situações de dificuldade econômica, a cadeia produtiva do setor elabora, através de compromissos públicos, os chamados pactos, que conciliam interesses de todo o setor – trabalhadores, montadoras,